

A QUESTÃO DA CIRCUNCISÃO NO PROCESSO DE EVANGELIZAÇÃO NA COMUNIDADE DA GALÁCIA

Manoel Ferreira de MIRANDA NETO

Mestre em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção – SP. Religioso da Congregação Nossa Senhora de Sion. Diretor Administrativo dos Colégios São José dos Padres de Sion- SP, Sion – Arujá e do Centro Cristão de Estudos Judaicos – SP.

Resumo

A circuncisão é umas das *mitzvot* (regras) mais observadas no judaísmo; até as famílias que não são praticantes seguem à risca o preceito. A Lei de Moisés é bastante clara e incisiva em relação ao dever religioso da circuncisão. Se um judeu se exime dessa responsabilidade, ele atrai a punição de Deus (Gn 17,9-14). No início do cristianismo, surgiu uma grande polêmica em torno da circuncisão. Alguns cristãos de origem judaica defendem a ideia de que todos os cristãos oriundos do paganismo deveriam se circuncidar e cumprir a lei de Moises. Colocando-se contra essa posição, Paulo, grande missionário cristão, faz uma apologia contra a lei de Moises, sobretudo na carta aos Gálatas, com intuito de revelar a ineficácia da lei diante da fé em Jesus. Paulo, em nome da fé em Cristo, ab-roga toda a lei.

Palavras-chave: Circuncisão, Incircuncisão, Judeu-cristãos, Gentilidade, Gálatas.

Abstract

The circumcision is one of the most observed mitzvot (rules) in the judaism; even among families that are not strict practitioners. The Mose's Law is very clear and incisive towards the religious duties of circumcision. If a Jewish exempts from this responsibility, he attracts God's punishment (Gn 17,9-14). At the beginning of the Christianity, a great controversy arises around the circumcision. Some christians defend the idea that all christians from paganism, must be circumscribed and obey the Mose's law. Opposing to this idea, Paul, the great christian missionary, makes apology against Mose's law, specially in the letter to the Galatians in order to reveal the inefficiency of the law before the Faith in Christ. Does Paul, in name of this Faith in Christ, abrogate the Jewish law in general way?

Key-words: Circumcision, Incircumcision, Jewish-Christian, Gentility, Galatians

Introdução

Na tradição judaica, o nascimento de um menino é cercado de rituais bem peculiares. O principal, entre eles, é o ritual da circuncisão, realizado oito dias, após o nascimento do varão, momento em que a criança recebe também um nome. A

circuncisão consiste na retirada ritualizada do prepúcio, pele que cobre a ponta do órgão genital do menino. Ela simboliza a aliança que o homem faz com Deus. Por esse ritual, o menino é introduzido na Aliança com Deus e, por consequência, entra na comunidade religiosa, pois, como todos os outros, ele passa a ter uma aliança com Deus, cujo sinal carrega em sua própria carne.

A circuncisão é umas das *mitzvot* (regras) mais observadas no judaísmo; até as famílias que não são praticantes seguem à risca o preceito, e mesmo em momento de perseguição e diáspora ela não fora interrompida. No período de Antíoco Epífane, no ano 167-164 a.C, algumas mães judias com seus próprios filhos foram martirizadas, porque circuncidaram as crianças apesar dessa prática ter sido abolida pelo tirano, que desejava helenizar a cultura judaica. Assim relata o livro dos Macabeus:

Quanto às mulheres que haviam feito circuncidar seus filhos eles, cumprindo o decreto, as executavam com os mesmos filhinhos pendurados a seu pescoço, e ainda com seus familiares e com aqueles que haviam operado a circuncisão. (1 Mc 1,60)

O texto revela que, apesar dos riscos de sofrer o martírio, as famílias continuavam circuncidando seus filhos.

Quanto à valorização da circuncisão, na diáspora, temos o testemunho de Flavio Josefo que narra a conversão de Izate, rei de Adibene, que foi obrigado a se fazer circuncidar, em seu próprio reino, pelo fato de ter abraçado a fé judaica. Isso revela que os judeus de Adibene, mesmo longe de sua pátria, cumpriam, de modo severo, o preceito da circuncisão, fazendo passar por esse ritual até os prosélitos, ainda que se tratasse de um rei (JOSEFO, 2004, p. 837).

A circuncisão como sinal de Aliança

O fundamento desse preceito, rigorosamente observado pelos os judeus em todas as circunstâncias e em todas as épocas, se encontra no livro do Gênesis, onde Deus propõe uma Aliança a Abraão, cujo sinal é a circuncisão. Abraão cai com a face por terra como gesto de aceitação e submissão ao Senhor:

Deus disse a Abraão: 'Quanto a ti, observarás a minha aliança, tu e tua raça depois de ti, de geração em geração. E eis a minha aliança, que será observada entre mim e vós, isto é, a tua raça depois de ti: todos os vossos machos sejam circuncidados. Fareis circuncidar a carne de vosso prepúcio, e este será o sinal da aliança entre mim e vós. Quando completarem oito dias, todos vossos machos serão circuncidados, de geração em geração... Minha aliança estará marcada em vossa carne como uma aliança perpétua. O incircunciso macho, cuja carne do prepúcio não tiver sido cortada, esta vida será eliminada de sua parentela: ele violou minha aliança'. (Gn 17,9-14)

A citação da Torá, ou seja, da Lei de Moisés, é bastante clara e incisiva com relação ao dever religioso da circuncisão. Se um judeu se exime dessa responsabilidade, ele atrai a punição de Deus. A punição não é branda; ele será eliminado do meio povo. Ele deixa de fazer parte do povo de Deus e nesta condição perde as promessas do povo eleito. A penalidade, nesse caso, é máxima; na Bíblia, ela só é aplicada para certos pecados gravíssimos como, por exemplo, a consumação de fermento na Páscoa ou a violação do dia de Kippur (Lv 23,29-30). Podemos concluir a partir da Torá que o preceito da circuncisão é inviolável.

Os pais de Jesus, enquanto judeus, entendem muito bem a importância dessa Lei, pois, o Evangelho de Lucas relata que no oitavo dia, Jesus foi circuncidado: "Quando se completaram os oito dias para a circuncisão do menino foi lhe dado o nome de Jesus conforme o chamou o anjo antes de ser concebido" (Lc 2,2). O Nome é dado exatamente no momento da circuncisão. A passagem confirma então que Jesus, sob a responsabilidade de seus pais seguiu a lei da circuncisão.

Na comunidade primitiva de Jerusalém, apresentada em Atos 2,42, não há nenhum tipo de questionamento sobre a circuncisão, o que nos leva a compreender que todos os cristãos dessa comunidade eram de origem judaica e viviam de acordo com a Torá, ou seja: eram circuncidados, observavam o Shabat, leis dietéticas e pureza ritual. Nessa etapa da fé cristã, podemos ver o cristianismo apenas como um movimento judaico, não como outra religião independente, portanto, não há motivos para rivalidades nem entre os próprios cristãos, porque todos provinham do judaísmo e nem com a comunidade judaica local porque essa não percebia muita diferença nos judeu-cristãos.

A respeito desse período do cristianismo temos o testemunho de Epiphanius de Salamina que confirma e explica o motivo da boa relação entre cristãos e judeus: “Os cristãos (os nazarenos) vivem segundo a Lei, como se vive entre os judeus. Não há nada a repreender-lhes, do lado dos judeus, exceto que eles decidiram a crer no Cristo” (Panarion, 29, 7, 2). De acordo com o documento, a única diferença, nesse contexto entre judeus e cristãos, é a fé no Cristo, mas essa parece ser tolerada pelos judeus que esperam a chegada do Messias. A fé em Cristo, portanto, não incompatível com a esperança judaica no Messias. Para os judeus, o Messias estava por vir, enquanto que para a comunidade cristã de Jerusalém, ele era o Cristo da cruz.

O Conflito por causa da circuncisão na comunidade cristã de Antioquia

O Primeiro conflito, no início do cristianismo, entre cristãos por causa do preceito da circuncisão se dá, precisamente, na comunidade de Antioquia, onde os pagãos também são convidados a abraçar a fé cristã (At 11,19-20). Esse conflito é narrado por Atos 15; a promessa de uma salvação, sem a circuncisão, feita aos helenos, pelos missionários vindos de Jerusalém à Antioquia, dificulta a convivência entre os membros da comunidade de Jerusalém e os da comunidade de Antioquia. Segundo Atos 15, a razão desta querela é que os cristãos judaizantes de Jerusalém trouxeram a confusão para a comunidade de Antioquia que estava em paz com a sua consciência. Eles sustentavam que para os pagãos a circuncisão era condição necessária para obter a salvação: “Entretanto, haviam descidos alguns da Judéia e começaram a ensinar aos irmãos: ‘Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moises, não podereis salvar- vos’” (At 15,1). Esse ensinamento se contrapunha com a liberdade dadas aos helenos de professarem a fé no Cristo, sem passar pela circuncisão.

Diante do tumulto criado por causa desse ensinamento, uma assembleia foi convocada em Jerusalém para decidir a questão. Desta reunião, participaram os representantes das duas comunidades e mais alguns membros. Lucas cita alguns participantes como Pedro, João, Tiago, da comunidade de Jerusalém e Barnabé e Paulo da comunidade de Antioquia. Na decisão, dá-se a entender o seguinte: Os pagãos não são obrigados a se submeterem a circuncisão. Essa decisão foi tomada por Pedro, que se baseia na conversão do oficial pagão Cornélio e de sua família. O

Espírito Santo desceu sobre ele como aconteceu com os apóstolos em Pentecostes. Isto quer dizer, segundo a visão de Pedro, que Deus queria a conversão dos povos pagãos. O Espírito Santo não faz acepção de pessoas; Ele desceu sobre os incircuncisos da mesma forma que desceu sobre os circuncisos. Segundo Atos 15, a assembleia termina com Tiago, tomando a palavra e ratificando a posição de Pedro. Para Tiago não se deve molestar, os que dentre os gentios, se convertem a Deus (At 15,19).

Visto o desfecho da assembleia de Jerusalém referente a circuncisão dos gentios parece que o problema fora resolvido; ou seja, os que não eram de descendência judaica poderiam tranquilamente entrar na comunidade dos fiéis cristãos sem passar pelo rito da circuncisão; essa estaria reservada apenas aos fiéis oriundos do judaísmo como é o caso de Timóteo que era filho de uma judia. Quando ele abraça a fé cristã, Paulo o faz circuncidar, antes de levá-lo consigo para as missões (cf. At 16,1-3).

É essa posição que Paulo vai manter durante todo o seu ministério; para ele cada fiel deve viver sua fé de acordo com a situação na qual ele se encontrava quando Deus o chamou. É desse modo que ele ensina aos Coríntios:

Foi alguém chamado a fé quando circunciso? Não procure dissimular sua circuncisão. Foi alguém incircunciso chamado a fé? Não se faça circuncidar. A circuncisão nada é, e a incircuncisão nada é. O que vale é a observância dos mandamentos de Deus. Permaneça cada um na condição em que se encontrava quando foi chamado por Deus. (1Cor 7,18-20)

O próprio Paulo se encaixa nessa categoria, sendo ele um judeu que aderiu a fé em Cristo, se declara circuncidado ao oitavo dia (Fl 3,4-5). Vale a pena ressaltar que Paulo utiliza de seu *status* de circuncidado enquanto proveniente do judaísmo para defender com autoridade as ideias de que os de origem gentílica não precisavam se submeter a circuncisão, eles já o eram de coração, pois, prestam culto a Deus e não confiam na carne (Fl 3,3). A circuncisão passa a tomar, na visão paulina, uma conotação moral que dispensa a carnal.

No entanto, o problema da circuncisão dos gentios não foi resolvido na assembleia de Jerusalém, ao contrário, ele vai acompanhar Paulo ao longo de sua

missão. A abordagem desse tema e a disputa com os judaizantes, presentes em várias cartas paulinas (Rm 4,1ss; Gl 5ss; Fl 3,1-7; Col 2,11), revelam que essa problemática constituiu um verdadeiro desafio para Paulo durante todo seu ministério junto aos gentios.

A intenção desse artigo é exatamente entender o motivo dessa tensão em torno da circuncisão dos gentios e porque Paulo a relativiza para os pagãos que desejam entrar no cristianismo, sendo que esse preceito faz parte da Torá, a lei dada a Moisés, e aceita integralmente também pelos Cristãos. Os novos eleitos teriam autoridade para descumprir a Lei observada e defendida pelo próprio Jesus que afirma que não veio para aboli-la (Mt 5,17)? Como entender essa evolução sugerida por Paulo na evangelização dos pagãos?

O Grande conflito por causa da circuncisão na comunidade Cristã da Galácia

Um escrito, onde Paulo trabalha, exaustivamente, o problema da circuncisão imposta aos pagãos é a Carta aos gálatas. Nessa carta, Paulo confirma a existência de um lugar chamado Galácia, cujos moradores eram chamados gálatas (Gl 1,2; 3,1). A Galácia era uma província romana localizada na parte central do que agora é chamada de Ásia menor, onde fica hoje a Turquia central. No terceiro século a.C., Celtas da Gália na Europa vieram para esta região. O nome Galácia lembra ancestrais dos habitantes da região que vieram da Gália. Eles eram nômades bárbaros e nos anos 278 – 277 invadiram essa região e estabeleceram-se ali até o período de Paulo. Trouxeram suas esposas e seus costumes.

Os gálatas eram vistos pelos gregos como grosseiros, cruéis, impiedosos quando irritados, mas sem perseverança e fáceis de se enganar. O historiador romano Lívio chama-os de raça degenerada e diz que eles se confundem com a própria região, que era árida, desprovida de árvores, incultivável, uma terra ríspida, própria para bárbaros, conforme atesta Murphy-o'Connor, 2000, p. 198-199).

A carta aos gálatas revela que a passagem de Paulo pela Galácia deu-se por acaso; Paulo estava voltando de uma missão e por causa de uma doença foi obrigado a parar na Galácia, onde, foi carinhosamente recebido e tratado pelos gálatas (cf. Gl 4,13). Nessa ocasião, o apóstolo aproveita para lhes pregar o Evangelho e a fé em

Cristo, porém, os isentando da prática da circuncisão. A frase incisiva de Paulo: “Atenção! Eu, Paulo, vos digo: se vos fizerdes circuncidar, Cristo de nada vos servirá” (Gl 5,2), indica que, ao catequisar os gálatas, ele descarta completamente a possibilidade de circuncidá-los.

Essa postura paulina vai gerar um conflito nas Igrejas da Galácia devido à visita de alguns missionários conservadores que, na ausência de Paulo, se infiltram entre os gálatas e tentam persuadi-los a adotar um cristianismo mais próximo do judaísmo. Esses judaizantes ensinam a fé em Cristo vinculada à prática da circuncisão como forma de atrelar os novos convertidos à observância das leis de Moisés; só assim eles poderiam ser salvos (Gl 1,8; 6,13). Para esses judaizantes, Abraão recebeu a lei da circuncisão como sinal da Aliança entre Deus e sua descendência (cf. Gn 17,9-14). Portanto, somente os circuncisos podem se considerar como herdeiros de Abraão. Daí a necessidade dos novos convertidos ao cristianismo serem circuncidados.

Paulo chama essa proposta de outro Evangelho que ele combate de modo veemente (Gl 1,6-9). Para desconstruir o ensino dos intrusos que invadiram a comunidade da Galácia, Paulo ensina que pela fé em Cristo, Deus justifica judeus e pagãos.

Nós somos judeus de nascimento e não pecadores da gentilidade; sabendo, entretanto, que o homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo, nós também cremos em Cristo Jesus para sermos justificados pela fé em Cristo e não pelas obras da lei, porque pelas obras da lei ninguém será justificado. (Gl 2,15-16)

No seu entendimento tanto os cristãos de origem judaica como os cristãos vindos da gentilidade doravante são salvos não pelas obras da Lei, mas pela fé no Cristo. A condição de ser um cristão de origem judaica e, portanto, circuncidado, não atribui ao fiel nenhum privilégio, uma vez que ele não pode, de modo algum, prescindir da fé em Cristo, única maneira dele ser salvo. Nesse sentido, o cristão de origem judaica está no mesmo nível que o cristão de origem pagã. Mais à frente, sustentando a mesma lógica de pensamento, Paulo vai dizer que diante de Cristo não existe nem Judeu, nem Grego, ou seja, nem pagão, todos são um só em Cristo Jesus (cf. Gl 3,28). O que ele quer dizer é que o único meio de salvação para todos é a fé em Cristo e por isso o cristão de origem pagã não deve assumir a condição do cristão de origem

judaica fazendo-se circuncidar, pois o que os dois têm em comum é a fé no Cristo que salva ambos.

Vemos, claramente, nesse ponto de vista uma oposição entre fé no Cristo e prática da lei. Para Paulo o homem atinge sua salvação pela fé em Cristo e para os judaizantes, o homem se salva pelo seu esforço em cumprir a lei de Moises, eis porque os novos convertidos ao cristianismo deveriam passar pela circuncisão. Para essa corrente, pertencer a Cristo seria pertencer a Israel e, portanto, todos deveriam observar os rituais judaicos.

Obras da lei em oposição à obra da fé em Cristo

Para defender a tese de que ninguém se justifica pelas obras da lei e por aí rejeitar a imposição da circuncisão para os pagãos, Paulo recorre as Escrituras judaicas. O Salmo 143,2 declara; “Não entres em julgamento com teu servo, pois frente a Ti nenhum vivente é justo”. E ainda a esse respeito acrescenta o livro do Eclesiastes: “Não existe um homem tão justo sobre a terra que faça o bem sem jamais pecar” (Ecl 7,21). Paulo põe em evidência, pelas Escrituras, a culpabilidade universal do homem, inclusive daquele que busca a justiça, esse também não tem obra suficiente para salvá-lo. Paulo apresenta, assim, a salvação como um ato de misericórdia pelo qual Deus agracia o pecador que tem fé em Jesus Cristo.

Como definir essa fé que Paulo julga capaz de salvar o homem. A fé é em primeiro lugar aceitação da mensagem da Cruz (Gl 3,1) e movimento de todo o ser para se juntar a Cristo, como ele diz em Gl 2,20: “minha vida presente na carne, eu a vivo pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou a si por mim”. Na carta aos Filipenses Paulo exprime melhor essa fé: trata de conhecer o Cristo, o poder de sua ressurreição, conformar-se com Ele na sua morte para alcançar a ressurreição dentre os mortos (Fl 3,10-11). A fé é, portanto, o conhecimento de Cristo e a conformação do ser do homem com a realidade do Cristo que passa pela morte.

Paulo coloca em oposição aqueles que querem se salvar por meio de suas obras justas àqueles que descobrem que uma única justiça que salva provem de Deus e atinge homem através da fé no Cristo. O que Paulo quer dizer é que por melhor que seja o homem, ele não consegue salvar-se por seus próprios méritos, mas pela fé no

Cristo através da qual a justiça de Deus pode alcançá-lo. Nesse sentido, a circuncisão é vista como sinal daqueles que procuram salvar-se pelas obras de justiça. No entanto, ela não passa de um sinal, uma vez que o Salmo diz que nenhum o homem é justo diante de Deus (Sl 143,2). Se, de fato, é assim, não há, para Paulo, nenhum motivo para que se imponha a circuncisão àqueles que receberam o Espírito pela adesão a fé, sem conhecer a lei. É nessa lógica que Paulo chama os gálatas de insensatos, porque tiveram acesso ao Espírito pela fé, em plena liberdade, e depois quiseram prender-se a carne através da lei da circuncisão (Gl 3,1-5).

Ao ler essas passagens da Carta aos Gálatas não podemos deixar de nos lembrar de Lutero que as utilizou para ensinar que o homem é justificado somente pela fé. Ele se apoia nesses textos Paulinos para criticar as práticas de seu tempo: as indulgências, votos monásticos e outras piedades que faziam o fiel se desviar do essencial (Coothenet, 1980, p. 26). Entretanto, esse não é o assunto tratado aqui.

Voltemos, pois, ao nosso tema que é mostrar porque Paulo relativiza a prática da circuncisão para os cristãos de origem gentílica. Além de recorrer as Escrituras para mostrar a superioridade da fé com relação à Lei, Paulo, em Gálatas 3,6 vai recorrer a uma grande figura judaica com intuito de mostrar que a fé é o primeiro instrumento de salvação do homem; ele faz alusão a figura de Abraão que é apresentado, primeiramente, como homem de fé na Carta aos Gálatas: “Abraão creu em Deus e isto lhe foi levado em conta de Justiça”. Paulo está citando Gn 15,6, onde Deus prometeu a Abraão que ele seria pai de uma grande nação e Abraão acreditou, mesmo estando em circunstâncias adversas. Faz-se necessário observar que se trata aqui de uma visão Paulina pois, no judaísmo Abraão é visto como cumpridor da lei. Assim nos diz a Mishná: “Deus abençoou Abraão em todas as coisas porque Abraão, nosso pai, cumpriu toda Torá, quando essa ainda não havia sido dada” (Tratado Quidushim IV, 14). Isto equivale a dizer, na concepção judaica, que os patriarcas são, antes de tudo, homens de obediência à lei. O que não impede Paulo de apresentar aos Gálatas outra visão de Abraão; para ele, Abraão é essencialmente homem da fé.

Abraão: o pai da fé

Em toda história de Abraão, a primeira atitude do patriarca que chama a atenção de Paulo está em Gn 15,6: “Abraão creu em Deus e lhe foi dito em conta de justiça”. Referindo-se a essa mesma passagem em Rm 4,18, Paulo diz que Abraão esperando contra toda esperança creu e tornou-se pai de muitos povos. Não há sombra de dúvida que para Paulo o fator principal que influencia a realização da promessa de Deus feita a Abraão foi a fé. Abraão deu prova de fé e Deus agiu em sua vida. Deus não poderia deixar de cumprir sua promessa mediante a grandeza da fé de Abraão.

Para enfatizar a teoria da preponderância da fé sobre as obras da Lei, Paulo cita em Gl 3,11, o profeta Habacuque que afirma que o “justo viverá pela fé” (Hab 2,4). Essa citação se aplica bem a experiência de Abraão, o pai da fé, antes de Deus exigir qualquer engajamento de Abraão com relação a lei, concedeu-lhe o prometido simplesmente porque ele creu e isso lhe foi levado em conta de justiça. O que equivale a afirmar que a justiça de Abraão consiste no fato de que ele acreditou incondicionalmente em Deus e não em nas obras da lei praticadas por ele. Para Paulo a lei vem bem depois da prova de fé a Deus dada por Abraão, segundo ele, quatrocentos e trinta anos depois, número simbólico que indica a precedência da prática da fé com relação a prática da lei feita por Abraão (cf. Gl 3,17).

É interessante observar a partir do discurso de Paulo sobre a prioridade da fé com relação à lei, o fato de que ele quer revelar que o valor da fé consiste no fato de que ela é uma aceitação de uma palavra, o acolhimento incondicional de um dom. Ela não é uma economia de mercado baseada em uma troca recíproca. Na fé existe o dom de Deus de um lado e do outro, a liberdade do fiel. Desse modo, ninguém pode se vangloriar de sua fé diante de Deus, como se a gente tivesse algum mérito.

A fé é muito mais ação de Deus do que atitude do homem, porém ela não existe sem o livre consentimento do homem. A ação do homem consiste apenas em consentir, em abrir seu coração para o dom, à graça de Deus. Ora, se a fé é mais ação de Deus do que atitude do homem, ela é muito mais eficaz e mais segura do que as obras da lei, sugere Paulo, pois diante da lei há uma troca recíproca, onde o homem deve fazer sua parte.

É exatamente aí que ocorre o fracasso, porque o homem sempre falha diante da Lei e o livro da Aliança, segundo Paulo em Gl 3,10, termina amaldiçoando aqueles que não cumprem a Palavra da Lei (cf. Dt 27,26). A fraqueza do homem diante da lei provoca seu insucesso no seu processo de salvação. Por isso Paulo diz aos Gálatas que pela lei nenhum homem se salva (cf. Gl 3,11). Eis porque os gálatas não deveriam se fazer circuncidar, eles seriam confrontados com a Lei e falhariam, pois, todos que se circuncidam são obrigados a cumprir a lei (cf. Gl 5,3).

Mantendo esse mesmo raciocínio, na Carta aos Romanos, Paulo observa que a justificação de Abraão ocorreu antes que ele fosse circuncidado (cf. Rm 4,9-12). Nesse sentido, ele entende que a circuncisão é secundária com relação a fé, uma vez que Abraão não precisou dela para ser considerado justo diante de Deus. Abraão pode então ser o pai tanto dos incircuncisos como dos circuncisos, pois, os que têm fé são os filhos de Abraão que teve fé (cf. Gl 3,7).

O fundamento desse universalismo da paternidade de Abraão, Paulo encontra em Gn 12,3 onde Deus diz a Abraão: “em ti todas as nações serão benditas”. Essa promessa é inclusiva, não se restringe apenas aos circuncisos, mas as nações do mundo inteiro. Podemos concluir então que os cristãos vindos do paganismo herdam essa promessa enquanto incorporados a Cristo pela fé e é desse modo que eles são salvos e são considerados filhos de Abraão. Como diz Paulo aos gálatas: “Vós todos sois filhos de Deus pela fé em Cristo Jesus, pois todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo... E se vós sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, herdeiros segundo as promessas” (Gal 3,26.29).

Criticando os judaizantes que pregam a circuncisão como meio dos gálatas cumprirem a lei e obterem a salvação e apresentando a fé como instrumento eficaz de justificação do homem, Paulo opõe o regime da fé ao regime da lei. Ele recorre as Escrituras para demonstrar a primazia da fé com relação a lei: “Abraão Creu” (Gn 15,6), “o justo viverá pela fé” (Hab 2,4).

Essa última citação, “o justo viverá pela fé”, emprestada do Profeta Habacuque tem uma dimensão bem maior na concepção Paulina. Vivendo no período em que o império babilônico ameaça invadir o pequeno reino de Judá, o profeta Habacuque se perguntava, com angústia, porque Deus permitia que o malvado prosperasse. Ele recebe uma resposta à altura que diz respeito a um futuro longínquo: somente os

justos sobreviverão se eles guardarem a fé, ou seja, o justo viverá pela fé. No contexto da Carta aos gálatas Paulo aplica essa frase numa dimensão bem maior. A vida em questão não se aplica somente a esse mundo, mas diz respeito a própria vida eterna, ou seja, a salvação definitiva que é garantida ao homem por meio da fé em Cristo enviado de Deus.

O Interessante é notar que o instrumento para obter essa vida é a fé. Portanto, se os gálatas, cristãos de origem pagã, perseveraram na fé em Cristo que receberam por meio de Paulo, por que precisariam ser circuncidados? Eles já têm o suficiente, a fé em Cristo; passar para o regime da lei seria invalidar a graça de Deus manifestada na morte de Cristo (Gl 2,21). Isto seria insensatez (Gl 3,1).

Considerações finais

Para um leitor judeu, a Carta de Paulo aos gálatas é, de certa forma, muito desconcertante. Mesmo para um leitor cristão, que aprendeu a apreciar o valor das Escrituras, esse rigorismo Paulino com relação à lei é incompreensível. Antes perseguidor da Igreja pelo zelo à lei, irrepreensível quanto à justiça da lei (Fl 3,6), agora parece relativizar a lei. Como entender então essa nova postura Paulina pós conversão?

Olhando o conjunto dos Escritos de Paulo, podemos entender que na Carta aos gálatas, ele usa a palavra lei no seu sentido mais restrito possível e provavelmente, querendo se referir, particularmente, a lei da circuncisão aplicada no contexto em que ele a considera desfavorável para a propagação do Evangelho. A partir desse ponto de vista podemos entender o ensino de Paulo a respeito desse mesmo assunto aos coríntios. Diz ele à comunidade:

Ademais viva cada um segundo a condição na qual ele se encontrava quando Deus o chamou. É a regra que estabeleço para todas as Igrejas. Foi alguém chamado a fé quando circunciso? Não procure dissimular sua circuncisão. Foi alguém incircunciso chamado à fé? Não se faça circuncidar. A circuncisão nada é e a Incircuncisão nada é. O que vale, é a observância dos mandamentos de Deus. (1 Cor 7,17-20)

Nesse texto, a respeito da prática da circuncisão, Paulo é bem mais claro. Ele estabelece uma regra para todas as Igrejas, onde, a priori, ele não se mostra nem contra e nem a favor da circuncisão, mas ensina que ela deve ser aplicada de acordo com a situação do fiel. Se o fiel chamado, é circunciso, ele deve viver sua fé na circuncisão, mas se ele foi chamado enquanto incircunciso, ele não deve se fazer circuncidar. Entendamos aqui o fiel circunciso como o cristão de origem judaica, não somente aquele que se converteu depois de ter passado antes pela circuncisão; esse deve se fazer circuncidar. Paulo mesmo segue essa regra; quando ele encontra Timóteo que abraçara a fé cristã, em Listra, ele o faz circuncidar. Timóteo era filho de uma mulher judia e pai grego. Paulo o faz circuncidar pelo fato de sua mãe ser judia e segundo a tradição a descendência judaica é assegurada pela filiação materna. Como havia outros judeus que abraçaram a fé cristã em Listra, não querendo criar problemas com ele, Paulo põe em prática o que ensina aos Coríntios.

Em relação ao incircunciso citado por Paulo, no mesmo texto, como alguém que não deve se fazer circuncidar, Paulo deve se referir ao cristão de origem grega, ou seja, o cristão vindo do paganismo. Esse deve se abster da circuncisão, mas deve cumprir os mandamentos. Isso nos dá a entender que quando Paulo critica a lei na Galácia, ele se refere apenas e restritamente a lei da circuncisão que segundo o seu ensinamento está sendo empregada de maneira generalizada, ou seja, está sendo imposta aos gálatas que são de origem pagã. O problema gerado na Galácia é pura e simplesmente o fato de se impor a circuncisão, de modo errado, aos cristãos oriundos do paganismo. Procedimento com o qual Paulo não concorda; tratando desse assunto, na comunidade dos coríntios, ele deixa bem claro: “viva cada um segundo a condição na qual ele se encontrava quando Deus o chamou. Foi alguém incircunciso chamado a fé? Não se faça circuncidar” (1 Cor 7,18). Essa é exatamente a situação dos gálatas, sendo eles de origem pagã, Paulo, de modo coerente, não aceita que eles sejam circuncidados.

É de suma importância atentarmos para a afirmação de Paulo aos coríntios quando ele lhes explica: “A circuncisão nada é e a Incircuncisão nada é. O que vale, é a observância dos mandamentos de Deus” (1 Cor 7,19).

Ora, se ele ensina que o que vale, é a observância dos mandamentos de Deus, não podemos dizer que Paulo faz uma apologia contra toda lei, ao criticar a circuncisão

dos cristãos de origem pagã na comunidade da Galácia pois, os mandamentos que ele diz que devem ser observados, fazem parte da lei. Portanto, podemos entender que quando ele faz todo um trabalho de relativização da lei, ele quer atingir somente a lei da circuncisão e restritamente quando ela é imposta aos pagãos que abraçam a fé Cristã. Corrobora essa ideia a frase solta de Paulo aos gálatas: “Quanto a mim, irmãos, se ainda prego a circuncisão, por que sou ainda perseguido? Que se façam mutilar de uma vez os que vos inquietam” (Gl 4,11. 12). Ironicamente, Paulo quer dizer: não sou contra a circuncisão, desde que essa não seja imposta a todos, de maneira generalizada, mas se eles, os judeus, pregam tanto a circuncisão, que eles se façam mutilar completamente, pois se são cristão de origem judaica eles devem guardar essa condição.

Outro texto que revela a apreciação e a estima de Paulo com relação as instituições de Israel incluindo também a própria lei, é Romanos 9,1-5, onde ele lamenta o fato de Israel não aceitar a fé cristã. Todavia, mesmo assim, ele reconhece a grandeza de Israel porque a ele “pertencem a adoção filial, a glória, as alianças, a legislação, o culto, as promessas e os patriarcas” (Rm 9,1s). Nesse tesouro atribuído a Israel, Paulo cita as Alianças e a legislação; essas duas instituições são apresentadas como algo precioso que juntamente com as outras pérolas deixam uma esperança de salvação para Israel.

Enfim, olhando, de maneira geral, os Escritos paulinos, não podemos afirmar, a partir da Carta aos gálatas, onde se trata praticamente de uma questão fechada, que a circuncisão seja imposta aos cristãos oriundos da gentilidade, que Paulo, no seu processo geral de evangelização, rompa com a lei judaica. Ele que se apresenta, durante sua missão, como educado aos pés de Gamaliel na observância exata da lei dos pais (At 22,3).

Referências

BARBAGLIO, Giuseppe. **Jesus, hebreu da Galileia**. Pesquisa histórica. São Paulo: Paulinas, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM, São Paulo: Paulus, 2002.

COTHENET, Edouard. L'épître aux Galates. In: **Cahiers Evangile**. Paris: Cerf, 1980.

DUNN, D. G. James. **A teologia do apóstolo Paulo**. São Paulo: Paulus, 2003.

JOSEFO, Flavio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: Assembleias de Deus, 2004.

LA MAISONNEUVE, Dominique de. **Le judaïsme**. Tout simplement. Paris: Ouvrières, 2017.

LA MISNA. Madrid: Nacional, 1981.

MURPHY O'-CONNOR, Jerome. **Paulo**. Biografia crítica. São Paulo: Paulus, 2000.

NAG HAMADI & MANICHAEAN. **The Paranion of Ehiphianus of Salamins**. Book I (Secyts 1-6). Leida: Brill, 2008.